

# A ERA PÓS-PORNÔ

**O**s  
corpos livres

**THALIA** VIELMO BIANCHINI

Psicóloga, pós-graduanda em  
neuropsicopedagogia clínica e institucional  
- UNINTER, pesquisadora na área de gênero,  
sexualidade, raça e educação.

## RESUMO

**ESTETRABALHO** tem o intuito de abordar a temática do pós-pornô a partir da pesquisa bibliográfica, propondo, com isso, discorrer sobre obras já publicadas, buscando refletir para além daquilo que já conhecemos do cinema pornô. Com foco nas relações de poder que se estabelecem no âmbito das sexualidades não-normativas, aquelas que estão à margem da hetero cisnormatividade. Para isso, o texto se constitui a partir de vertentes pós-estruturalistas, que procuram justamente rejeitar e superar ideais fixos como os de gênero, que serão discutidos no presente artigo.

## PALAVRAS-CHAVE

Sexualidade; Pós-pornô; Corpos.

## ABSTRACT

**THIS WORK** intends to approach the theme of post-porn from the bibliographical research, proposing, with that, to talk about works already published, seeking to reflect beyond what we already know about porn cinema. Focusing on power relations that are established in the scope of non-normative sexualities, those that are outside hetero cisnormativity. For that, the text is constituted from post-structuralist strands, which seeks precisely to reject and overcome fixed ideals such as those of gender that will be discussed in this article.

## KEYWORDS

Sexuality; Post-porn; Bodies.

## INTRODUÇÃO

**A PORNOGRAFIA** vem se tornando foco de estudos de diversas áreas do conhecimento, sendo construídas múltiplas críticas acerca do seu percurso histórico e suas produções, as quais, além de objetificarem mulheres, trazem também modos coercitivos de práticas sexuais. Essas práticas são heranças das sociedades disciplinares e de controle – assunto que Michel Foucault já havia estudado em diversas de suas obras –, as quais, a partir de suas imposições e ordenamentos, trancaram-nos em uma lógica homogeneizante onde as práticas e condutas devem obedecer a uma norma ou lei. Não se trata de excluir a função de comunicação e ensino dada à imagem, estigmatizada pela expressão Bíblia dos iletrados (repetida exaustivamente na literatura), mas, como bem afirma Baschet, renunciar à facilidade dessa definição, compreendendo-a no seu contexto, e considerando a expansão de um “campo imenso e bastante complexo à reflexão sobre as funções das imagens” (BASCHET, 2006, p.2).

Assim sendo, em conformidade com Nunes (2014), a pornografia consiste em uma reprodução de fantasias sexuais que são veladas pelo campo social, e é fabricada e moldada conforme a cultura em que está inserida. Desse modo, os filmes pornográficos, introduzidos no cotidiano, ao mesmo tempo que questionam os valores sociais, também os afirmam.

Na cultura ocidental a qual pertencemos, afirma Galt (2015) que o cinema comercial vai privilegiar um certo padrão do que é belo para a produção de um tipo de prazer visual, construindo corpos desejáveis e jovens a serem postos em cena. Discorrendo sobre a criação do prazer visual, Loponte (2002) trata sobre a pedagogia do feminino. A pedagogia afirmada por Loponte, naturaliza o corpo feminino como contemplação, criando em torno deste, um visual particular como uma única verdade, padronizando o que é belo (LOPONTE, 2002). O veículo de propaganda transforma o corpo da mulher em um produto a ser modelado pela via do capitalismo, onde Frizzera e Pazó (2017) reconhecem que, é a partir da propaganda, que está vinculado todo o aparato social tecnológico. Isso resulta em um imaginário coletivo, e, assim, essa imagem modulada a partir da mídia é uma imagem a ser comprada.

Dessa maneira, o pós-pornô nasce como uma prática transgressiva de corpos, gêneros e sexualidades que desviam e resistem àqueles padrões que foram estipulados e produzidos pelas vias do capitalismo e reproduzidos dentro do pornô *mainstream* como forma dominante de prazer visual, padrões estes que seguem uma regra geral do se tornar igual, ou seja, tornar-se o espelho da sociedade *eurobrancofalocisheterocêntrica*. É a partir de suas próprias experiências, ficções, autobiografias, ou seja, a partir da sua própria experiência, que busca-se busca essa ruptura com os códigos hegemônicos da pornografia tradicional, criando um tipo de arte que transcende o gozo e performa para além das sexualidades dissidentes. Criam-se, também, críticas teórico-políticas que servem para olharmos para as sexualidades de modo, não tão arcaico, para que possamos identificar todas as relações de poder que se estabelecem não só no âmbito público, mas também no privado, no mais íntimo.

A partir dessas considerações sobre a pornografia tradicional, vinculada aos meios de comunicação e criada a partir de uma imagem de objetificação e normalização das sexualidades ligadas a um ideal, vemos aparecer uma nova proposta de viver a sexualidade no meio midiático, que será exposta neste trabalho a partir da pesquisa bibliográfica, a qual propõe analisar, interpretar e sintetizar trabalhos que já foram publicados contando com revistas, artigos, resumos, livros, ou seja, todo o material de apoio disponível à pesquisa sobre determinado assunto, que neste trabalho é a pós-pornografia como resistência teórico-política, liberdade e visibilidade dos gêneros e corpos não-padro-nizados.

## **PÓS-PORNOGRAFIA COMO UMA NOVA FORMA DE VIVER A SEXUALIDADE**

A pós-pornografia como conhecemos, destaca Sarmet (2014), foi construída e definida a partir de discursos de liberdade e censura relacionados com os processos formadores da própria modernidade. A autora caracteriza o pós-pornô como movimento político-artístico, focado nas corporeidades não-normativas, as quais abrangem todas aquelas sexualidades rejeitadas pelo pornô *mainstream*, ou usadas como sexualidades marginalizadas onde os personagens e os atores fogem daquela con-

templação do belo, criado pela pedagogia do feminino. São as pessoas trans, os travestis, as pessoas portadoras de deficiência, são as hermafroditas, são as gordas, enfim, todos aqueles personagens sobre os quais o capitalismo e o pornô *mainstream* investem contra seus desejos e sobre a valorização de seus corpos. Pereira (2008) ressalta que a pós-pornografia é uma ruptura dos códigos sexuais tradicionais e que propõe uma inversão de papéis, onde diretoras e atrizes funcionam como agentes da produção sexual. Souza (2017) explica que a ideia principal do movimento pós-pornô é a de performatividade do corpo e sexo. Ainda segundo o autor, se no pornô *mainstream* os corpos são preparados para reproduzirem cenas que estejam de acordo com as regras-padrão de beleza e corpo, ou seja, daquele corpo magro, firme, depilado, sem estrias, sem celulites, branco e cis, o qual o capitalismo molda a sua dominância, no pós-pornô essas práticas sexuais procuram fugir dessa regra.

Segundo Sarmet (2014), o conceito de pós-pornô foi criado na década de 1980, nos Estados Unidos, pelo crescimento de artistas e ativistas que estavam localizados ao redor do mundo. A pós-pornografia é difícil de ser definida por ser um assunto muito recente, suas obras e performances têm o objetivo de desconstruir a pornografia vigente, esta que cria e representa nas suas telas tudo aquilo que a sociedade branca cisheteronormativa moldava a seus respectivos desejos, criando um duplo, um espelho, representado na esfera mais íntima da vida privada. A pós-pornografia, representa, deste modo, os corpos, gêneros, práticas sexuais marginalizadas e também os discursos tradicionais da pornografia, estes que ditam o que é aceito socialmente como a prática sexual, isto é, a heteronormatividade como base integrante tanto do pensamento quanto do comportamento sexual. A expressão pós-pornô foi cunhada, conforme Freitas (2016), pelo artista Wink Van Kempen, para se referir ao conjunto de fotografias explícitas, mostrando órgãos genitais, mas não com o objetivo de causar excitação, e sim um aspecto periódico e crítico. De acordo com Souza (2017), a década de 1980 foi marcante para os descentramentos dos sujeitos, inclusive dentro do próprio feminismo, o qual adotava discursos hegemônicos, que viam a mulher como sujeito universal, ignorando mulheres que se encontravam à margem do gênero, sexualidade, raça e etnia.

O conceito de pós-pornografia, nascido dentro do pensamento feminista, foi usado como uma crítica à indústria pornográfica, a qual reproduz em seus filmes as condutas de uma sociedade machista na qual a mulher é tratada como objeto de satisfação sexual para e pelos homens. O pós-pornô é um meio de empoderamento da mulher, pensando o sexo como um ato político e performático, descobrindo outras formas de prazer para além daquelas apresentadas pela pornografia tradicional (SOUZA, 2017).

No âmbito de vertentes feministas antipornografia, surgiram movimentos, nos quais, como discorrem Freitas & Leite (2016), as feministas que se encontravam nessa vertente, argumentavam que a pornografia era um modo de oprimir as mulheres. As feministas anti-pornografias eram oriundas da segunda onda do feminismo, a qual realizou uma grande problematização e politização da vida social, discorrendo sobre as noções de família, sexualidade e sujeição à vida doméstica. Por outro lado, havia outro grupo, do qual faziam parte as feministas liberais anti-censura que defendiam a ideia de que a mulher possuía a liberdade de buscar os seus prazeres sexuais como bem entendesse, inclusive através da pornografia (FREITAS & LEITE, 2016).

Destacamos Annie Sprinkle (Filadélfia/Pensilvânia, 1954) artista e sexóloga estadunidense, considerada como principal precursora do movimento, que, em um de seus shows, apresenta sua performance conhecida como *Anúncio público de uma cérvix*, na qual ela convida o público para explorar o interior de sua vagina com um aparelho ginecológico (SILVA, 2020). Sobre a outra performance intitulada como *Post-Porn Modernist* (1989), “ela relatava e explorava sua evolução sexual, contava sobre sua carreira como atriz pornô, como prostituta, como *stripper*, como dominatrix e, por fim, como produtora, roteirista e diretora de seus próprios filmes” (MACEDO & NOGUEIRA, 2015, pg. 5).

Sarmet (2014) caracteriza o pós-pornô como uma forma de redefinir os imaginários sexo - políticos vigentes, usando os corpos, as sexualidades e identidades historicamente marginalizadas, como representação desses deslocamentos estéticos que foram criados pela indústria pornográfica tradicional, sendo que tais obras e discursos servem para refletir acerca dos limites entre corpo e máquina.

Conforme Freitas & Leites (2016), no início do século XXI diferencia-se os pós-pornôs do pornô para mulheres; o primeiro passa a ter engajamento político alinhado à teoria *queer*, que busca uma forma de contestação política frente à normatização dos corpos do pornô tradicional. Nessa perspectiva, o pós-pornô é transpassado por diversas abordagens da maquinaria sexual, diversas manifestações da sexualidade, que podem, na maioria das vezes, ser expressas através de performances urbanas ou curtas-metragens; e o pornô para mulheres ou pornô feminista, centrado na produção de prazeres, que contém aspectos relacionados a desempenhos de papéis sexuais, ou seja, segue a mesma lógica do pornô *mainstream* sendo criado para o prazer das mulheres, porém ainda reproduzindo padrões de beleza, papéis sexuais, fantasias, pela mesma racionalidade dominante que encontramos na pornografia tradicional. (FREITAS & LEITE, 2016).

Em conformidade com Freitas, Leites & Silva (2016), o pós-pornô ganhou uma enorme visibilidade no início deste século. Isso devido às performances teatrais invadindo as ruas e as instituições de Barcelona, através do principal grupo do país que produz pós-pornografia chamado *Post-Op*, que surgiu em uma maratona pós-pornô realizada em 2003, na mesma cidade – o nome se refere ao estágio em que pessoas transgêneros se encontram depois da cirurgia de redesignação sexual. O coletivo propõe discutir e problematizar os gêneros e as sexualidades em lugares públicos e privados, fazendo uma crítica aos discursos normativos. Ainda segundo os autores, esse coletivo conta com algumas características da pós-pornografia *Post-Op* que são:

Prática da desconstrução do gênero como algo fixo; variação dos espaços, públicos e privados, de expressão da sexualidade; estímulo e produção de zonas corporais que foram “esquecidas” em prol da sexualidade centralizada nas regiões genitais; o uso de dildos, não como aparelhos que viriam a preencher uma falta, mas como objetos ressignificáveis por excelência na produção de novos desejos. (FREITAS, LEITES & SILVA, 2016, p. 7).

A ideia central do grupo é, conforme explica Freitas, Leites & Silva (2016), produzir sexualidades artísticas visando a prática sexual como alavanca micropolítica: o grupo não tem o objetivo

de produzir gênero pornográfico, nem ser uma nova categoria pornográfica. De acordo com Moreira de Oliveira (2013,) o termo *post-op* é usado pelos médicos para nomear os corpos das pessoas transgênero que passaram por cirurgias recentes. O grupo usou esse termo por acreditar que as pessoas são construídas e constituídas por tecnologias de caráter definitivo, como de gênero, raça, sexo e classe social.

### **RESISTÊNCIA E MOVIMENTO POLÍTICO ATRAVÉS DA PERFORMANCE PÓS-PORNOGRÁFICA**

O pós-pornô, como já caracterizado na seção anterior, é uma produção anti-pornografia de caráter político e artístico que busca transgredir as normas sociais de identidades e práticas sexuais preexistentes em um cenário construído a partir de estruturas específicas como as de raça, classe e gênero. Partindo dessa premissa e em concordância com Louro (2000), toda cultura a que somos expostos, marca nossos corpos e os modela a partir de ideais e dispositivos fixos de sexualidade, os quais são aprendidos e construídos ao longo de toda a nossa existência. Aceita-se, desse modo, que a sexualidade é um fenômeno natural da humanidade, sendo tratada com caráter universal (LOURO, 2000).

Michel Foucault, filósofo francês, compreende a sexualidade à luz da lei, em *História da sexualidade 1: A vontade de saber* (1999), discorrendo sobre o dispositivo da sexualidade, este que transforma o sexo em discurso e busca incessantemente a sua verdade que vai dizer a verdade sobre o indivíduo. No ocidente, esses discursos penetram as camadas mais individuais dos sujeitos de modo a, a partir deste ponto, sabermos quem somos para transformar toda a prática da sexualidade e do sexo em uma norma regida como lei. O poder sobre o sexo, na narrativa do autor, seguiria as engrenagens reproduzidas pela lei, interdição e pela censura, as quais faziam o jogo entre lícito e ilícito, transgressão e castigo; aqui, o sujeito “é constituído como sujeito, – , - que é sujeitado -- é aquele que obedece” (FOUCAULT, 1999, p. 82).

Judith Butler (2000), ao encontro da perspectiva foucaultiana, coloca que a categoria do sexo é uma norma regulatória que vai além da materialidade, onde se produz o discurso e também as relações de poder no sentido de demarcar, fazer circular e dife-



reenciar. A norma regulatória do sexo impõe a materialidade não sendo resultado desta, e, desse modo, o sexo se traduz como construção social, pois, por mais que existam as normas que governam os corpos, estes nunca se conformam com tais maneiras enraizadas e imposição materializada. Na verdade, é a partir da lei regulatória do sexo que nascem as potencialidades, as instabilidades e as rematerializações, as quais se voltam contra a própria lei regulatória do sexo (BUTLER, 2000).

Partindo do princípio exposto acima, em *Os anormais* (2001), Foucault apresenta a arqueologia da anomalia que conta com três tipos de indivíduos: o monstro que contradiz a lei através de sua própria existência, sendo ele originado da própria natureza e ao mesmo tempo contra a natureza; o indivíduo a ser corrigido originado a partir do seio familiar, que está no jogo entre os sistemas de apoio (família, escola, oficina, rua, bairro, igreja), e o que o define é o incorrigível, pois ele resiste a todas aquelas técnicas educacionais das instituições que o rodeiam; e o masturbador, que se origina de um espaço muito mais estreito, é a cama, o quarto, os médicos, a família em torno de seu corpo, e a sua prática [masturbação] é aquela que fica em segredo, a qual todos praticam, mas ninguém fala nada sobre..

É a partir desses três indivíduos que busca-se partir para o entendimento de como a pós-pornografia se configura como uma ferramenta de resistência, tanto à normalidade, quanto à lei que rege os prazeres, desejos e práticas sexuais. Se antes, de acordo com Foucault (2001), a monstruosidade era caracterizada como sendo contra a natureza devido às suas imperfeições, deslizos, esquisitices, agora é devido ao desejo que ela ascende no corpo de quem habita, o que se transforma em condutas criminosas. O autor exemplifica a partir do caso de Anne Grandjean, hermafrodita que expressa seus desejos homossexuais considerados perversos, ou seja, acaba saindo da esfera da natureza (hermafrodita) para a do comportamento (expressão de desejos). Anne Grandjean, de acordo com Costa (2015), foi condenada por sentir atração por pessoas do sexo feminino, então começou a se vestir de maneira masculina, mudou-se para Lyon e casou-se com uma mulher. A partir de uma denúncia, foi levada a um cirurgião, o qual concluiu que a mesma era mulher, e foi condenada por ser profanadora do sacramento do matrimônio. (COSTA, 2015).

É nessa normalidade regida por uma lei que a pós-pornografia vai intervir. Borges (2011) demonstra que o pós-pornô é uma transformação da sexualidade que busca reivindicar o corpo como experiência, e não como propriedade. Libertá-lo dessas amarras às quais o corpo foi e é submetido, é “Reinventar o desejo e o prazer. Reinventar o corpo. Talvez seja essa a utopia do pós-pornô, o corpo livre!” (BORGES, 2011, p. 3). A autora caracteriza o pós-pornô da seguinte forma:

É uma revolução micropolítica, absolutamente estética que tem por objetivo mudar a visão sobre a história do corpo. O estilo literário do movimento pós-pornô tensiona esse espaço íntimo com uma honestidade angustiante, já que não aponta a grande saída, mas fica remexendo os micropontos, dissecando-os, produzindo pensamento sobre a cena mais cotidiana e tida como dada, como as fantasias sexuais de penetração ou cenas que provocam a masturbação, o sentimento de culpa por se ter tendências dominadoras ou submissas no sexo, adicção a hormônios sexuais, relação afetiva com o dildo, ou ainda prostituição, estupro, rape/revenge (vingança de estupro), etc. O desejo sexual é o ninho da religião. É nessa espacialidade íntima que a neurose, a culpa, o sofrimento são germinados. O pós-pornô tenta arejar esses espaços para que sejam fortalecidos com outra ética, com menos sofrimento aos gêneros não padronizados (BORGES, 2011, p. 3).

É a partir desse corpo marginalizado, monstruoso ou anormal que a pós-pornografia vai se produzir, segundo Macedo & Abreu-Nogueira (2015) não apenas como movimento artístico e político, mas também um *em movimento* que está sempre buscando um modo de desestabilização do discurso pornográfico vigente, sendo característica principal do movimento essa subversão através das modificações de enunciação. Se antes o termo *queer* era usado pelos considerados *normais* para se referir àqueles que escapavam à heteronormatividade, o termo foi adotado pelos *anormais* como modo de transgredir aqueles corpos, discursos e prazeres que eram adotados como práticas dominantes que buscam responder “à lógica de dualidade contida nas diferenciações entre desejável/indesejável, homem/mulher,

masculino/feminino, pênis/vagina, heterossexual/homossexual” (MACEDO & ABREU-NOGUEIRA, 2015, p. 5).

De acordo com Nunes, Seffner, Méndez (2019), a pós-pornografia como ocupante de espaços heterogêneos é germinadora de diversos âmbitos, sejam eles literários, performáticos- artísticos, ações na rua e audiovisuais. Busca criar um devir experimentador, o qual reapropria-se dessas artes e causa uma subversão quando as mesmas são ligadas à pornografia tradicional, ou seja, retirando o homem cis-heteronormativo branco da apropriação das filmagens e produções visuais de performances sexuais, abrindo mão da lucratividade em detrimento de reflexões teórico-políticas (NUNES, SEFFNER, MÉNDEZ, 2019).

Se na pornografia tradicional busca-se a construção da imagem do prazer visual, a qual, de acordo com Agamben (2007), passa a todo momento por uma transformação ficando dependente do olho de quem vê, onde a imagem a ser vista é elaborada a cada instante de acordo com o movimento e a presença daquele que a contempla,; na pós-pornografia, o objetivo é desnudar o corpo, é abaixar o véu, como retrata Agamben: “conhecendo a nudez, não se conhece um objeto, mas somente ausência de véus, somente uma possibilidade de conhecer” (p. 96, 2009). É conhecer o que está para além da normalidade dos corpos, é tensionar o desejo para transcender o gozo, é sair daquela suposta plenitude edênica, a qual Agamben (2009) entende como uma forma de deixar de lado a sua essência e, desse modo, faltar o saber,; o que pecado revela não é a falta nem o defeito, mas sim como falta a plenitude do ser.

É necessário que nos tornemos especiais, conceito adotado por Agamben (2007) para explicar o pecado na nossa cultura. A necessidade de personalizarmos algo é um sacrifício à especialidade; um ser especial é aquele que não se assemelha a nenhum, se assemelha a todos, se oferece ao uso comum, mas não se torna propriedade. É o indivíduo da pós-pornografia que boicota, que desvia, expropria e recria os corpos, práticas e desejos, formando um lugar de abertura onde os corpos se entendem e se experimentam, onde “cada hormônio engolido, é um código que se rompe” (NUNES; SEFFNER; MÉNDEZ, 2019, p. 111).

A partir dessas considerações é possível pensar a pós-pornografia como movimento político e transgressivo que busca sempre fugir e contradizer essa lei e o discurso do sexo enraizado em uma perspectiva de normalidade causadora de impotência, como nos revela Giorgio Agamben (2010) citando Deleuze, ao dizer que o poder de potência do homem se transforma em impotência na medida em que suas forças e seus exercícios são impedidos em nome de uma proibição.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto no presente texto, a pós-pornografia se traduz como um movimento de transgressão ao pornô *mainstream* e se propõe, não apenas a subverter normas de gênero e sexualidade, mas também marcadores de classe, etnia, raça, nacionalidade, entre outros. É um cinema *queer*, é estranho, é transgressivo, foge da norma e se apresenta como um ato político do desejo e prática sexual, desviando das redes de subordinação e normalização, expressando os modos de sexualidade considerados *anormais* e que são excluídos do pornô *mainstream*. Aqui, essas práticas são vistas como resistência, revolução, indo sempre além.

Além disso, a pós-pornografia se apodera da própria experiência do indivíduo enquanto produtor de desejo, ou seja, o desejo não é imposto a ele nem a ele moldado como acontece na pornografia tradicional, muito pelo contrário: é a partir de seu próprio corpo, imaginação e performance que a pós-pornografia torna os sujeitos livres de amarras regulatórias, fantasmas inconscientes e práticas colonizadas de viver a sexualidade. É alinhar a teoria da sexualidade juntamente com a crítica social feita aos meios de produção subjetiva que carecem de criação. Apoiando-me nos pensamentos de Michel Foucault (2003), o que quero dizer é que, talvez o ocidente não seja mais capaz de produzir prazer, mas define novas regras no jogo dos poderes e dos prazeres.

A presente pesquisa visou uma revisão de bibliografia sobre o conceito de pós-pornografia, discutindo sobre as relações de poder e dominação dos corpos, percebendo, assim, o caráter descentralizador das práticas. Refletindo sobre as diversas maneiras pelas quais somos marcados e modelados na cultura oci-

dental, por um padrão construído e produzido através de dispositivos fixos de gêneros e de lugares específicos onde o desejo se encontra. Buscar quebrar essas regras pré-estabelecidas entre desejo, lei e norma regulatória dos prazeres, é fundamental para obter-se uma maior liberdade no que diz respeito às práticas sexuais, para que o corpo não se torne uma propriedade a ser adquirida, mas que se estabeleça como um processo sempre em movimento e em constante transformação, ou seja, produzir a partir do que sou como uma livre política dos corpos.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Nudez**. Lisboa: Editora Relógio D'Água, 2009.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SILVA, Beatriz Bianca Barbosa da. Olhar desviante: Os cinemas pornô e o desenvolvimento da pós-pornografia como linguagem alternativa. In: XIII ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E MÍDIAS: NARRATIVAS EM DISPUTAS, 13, 2020, Pernambuco. **Anais Eletrônico do XIII Encontro Estadual de História**. Pernambuco: Câmara Brasileira do Livro, 2020. Disponível em: <<https://cutt.ly/DIPXcMZ>>.

BORGES, Fabiane. Sobre o Movimento Pós-porno (pós-pornografia ou pornografia livre). **Revista Na Borda**, dez. 2011. Disponível em: <<https://cutt.ly/KIPNBei>>. Acesso em: 29 set. 2021

COSTA, Leonard Christy Souza. **Saussure**: entre o poder acadêmico e a saber científico. 2015. 272 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/158386>>. Acesso em: 29 set. 2021.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Rio de Janeiro:, Edições Graal, 2003.

FREITAS, Suelem Lopes de; LEITES, Bruno Bueno Pinto. Da pornografia à pós-pornografia: práticas contrassexuais no audiovisual. In: XVII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUL, 17., 2016, Curitiba. **Anais** [...]. Curitiba: Sem, 2016. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/>>

sul2016/resumos/R50-0471-1.pdf>. Acesso em: 29 set. 2021. FREITAS, Suellem; LEITES, Bruno; SILVA, Alexandre Rocha da. Pós-pornografia e as Ressignificações do Sexo no Audiovisual. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 39., 2016, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: Sem, 2016. p. 1-14. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-1889-1.pdf>>.

FREITAS, Suellem Lopes de. **Pós-pornografia: a multiplicidade do corpo no audiovisual**. 2016. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Habilitação Jornalismo, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/157294>. Acesso em: 29 set. 2021.

FRIZZERA, Mariana Paiva; PAZÓ, Cristina Grobério. Erotismo e beleza do corpo feminino objetificado: a publicidade de lingerie na construção das identidades das mulheres na história. In: XXIX SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA, 29., 2017, Brasília. **Anais** [...]. Brasília: 2017. p. 1-16. Disponível em: <<https://cutt.ly/KISCCwk>>.

GALT, Rosalind. Lindo: teoria do cinema, estética e a história da imagem incômoda. **Revista EcoPós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 42-65, dez. 2015. Tradução de: Camila Vieira da Silva.. Disponível em: <[https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco\\_pos/article/view/2762/2339](https://revistaecopos.eco.ufrj.br/eco_pos/article/view/2762/2339)>. Acesso em: 29 set. 2021.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Sexualidades, artes visuais e poder: pedagogias visuais do feminino. **Estudos Feministas**, v. 10, n. 2, p. 283-300, jul. 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ref/a/ZDRh9p5xg7bZbCTGC6fS6c/?lang=pt>>. Acesso em: 29 set. 2021.

LOURO, Guacira. Lopes. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MACEDO, Camila; ABREU-NOGUEIRA, Juslaine. Pós-pornografia e a produção discursiva das sexualidades dissidentes: um estudo sobre a heteronormatividade nas representações de gênero. In: 6º SEMINÁRIO BRASILEIRO / 3º SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS CULTURAIS E EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO, TRANSGRESSÕES, NARCISISMO, 6 / 3., 2015, Canoas. **Anais** [...]. Canoas: 2015. p. 1-10. Disponível em: <<https://cutt.ly/dISBNZh>>. Acesso em: 20 set. 2021.

MOREIRA DE OLIVEIRA, Thiago Ranniery. Hardcore para um sonho: Poética e Política das performances pós-pornô. **Repertório**, Salvador, n. 20, p. 235-252., 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revteatro/article/view/8766>>.

NUNES, Ébano. O Cinema Obsceno em Conflito: a história diante das fontes de pornografia e erotismo. **Caderno do Tempo Presente**, Sergipe, n. 17, p.55-60, 2014. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/tempo/article/view/2984>>..

NUNES, Hariagi Borba; SEFFNER, Fernando; MÉNDEZ, Natalia Pietra. “O corpo histórico: meu dildo goza terrorismo” Pós-pornografia e pornoterrorismo na contemporaneidade - Uma análise de ruptura. **Aedos**, Porto Alegre, v. 11, n. 24, p. 103 - 126, 2019. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/92861>>.

PEREIRA, Pedro. Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. **Interface -- Comunic., Saúde, Educ.**, v.12, n.26, p.499-512, jul./set. 2008. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/mhS5Gmzs7PGdZy9SG-35vsCq/?format=pdf&lang=pt>>.

SARMET, Érica. Pós-pornô, dissidência sexual e a, situación cuir latino-americana: pontos de partida para o debate. In. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 1, maio-out. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10175>>.

SOUZA, Daniel Nolasco de. **Cinema, sexo e homoerotismo: uma reflexão sobre o pós- pornô**. 2017. 52 f. Monografia (Especialização) -- Curso de Cinema e Audiovisual, Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2017. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/5124>>.

